

PERFIL INTELECTUAL DE LUIZ CAMILLO DE OLIVEIRA NETTO

Maria Luiza Penna Moreira

FORMAÇÃO

*Estamos chegando em Recife e eu, como todo touriste imbecil que procura motivos para mandar cartões ilustrados ou bilhetes em papel com o timbre da Mala Real Inglesa (que, em matéria de pontualidade, iguala com a estrada de ferro Oeste de Minas ou a Juiz de Fora a Piun-i), aproveito a oportunidade para mandar a V. um abraço mineiramente apertado. Continuo à procura de mim mesmo e absolutamente certo de que não me encontrei em Lisboa, em Coimbra [??], pois eu permaneço em Itabira.*¹

Luiz Camillo nasceu no dia 9 de setembro de 1904, numa casa no alto da rua de Sant'Ana, em Itabira do Mato Dentro. Era um casarão assobradado, situado “numa rua estreita e íngreme, que ligava o vale inicial às minas do Campestre e o Cauê, num trecho que foi, para espanto de quem vai lá agora, centro comercial em tempos de D. João VI e do primeiro reinado”.² O nome Luiz Camillo foi homenagem ao avô paterno, Luís Camilo de Oliveira Penna, homem de espírito irônico, muitas vezes sarcástico, voltairiano, cultivador das letras.

Luís Camilo, o avô, tomou conta da fazenda do Girau enquanto pôde, movimentando a fundição de ferro, em fornos catalães. Ali se fabricavam os mais diversos utensílios. A venda do Girau aos ingleses, em 1910, causou muitas discussões na família. Afinal, arrematou-se o Girau por 160 contos. A transação foi considerada por muitos como o pior negócio feito no hemisfério ocidental.

A casa onde morava o avô era logo abaixo, na mesma rua de Sant'Ana, na beira de uma ponte sobre o ribeirão da Penha, ficando conhecida como “a casa da Ponte”, *uma esquina no fundo do vale, entre duas ladeiras íngremes*.³ Muitos dramas se desenrolaram neste casarão sombrio, onde o avô do menino Luiz Camillo possuía, no andar térreo, uma oficina mecânica movida por uma roda d'água provinda do ribeirão. Ali, artesão habilidoso, ele fabricava coisas variadas. Cornélio Penna escolheu a casa da Ponte para cenário de seu

¹ Carta a Cornélio Penna. Nov. 1937. FCRB

² TORRES, João Camilo de Oliveira. *O homem interino*. p. 60. Inédito.

³ Idem, p.53.

romance *Fronteira*. Mortes prematuras, silêncios enlouquecedores, esquizofrenias, tuberculoses, epilepsias, doenças estranhas e inexplicáveis, misérias físicas e morais abateram-se sobre os habitantes da casa da Ponte.

Entre o fim do século XIX e princípio do século XX, a vida em Itabira transcorria num marasmo asfixiante. O novo aterrorizava. Se os espaços eram sempre os mesmos, se o tempo parecia quase parado, isso sugeria que as cabeças devessem também se conformar a representar os papéis há muito designados a elas. Em carta escrita em 1951, Luiz Camillo recorda Itabira:

Itabira é uma pequena cidade do interior de Minas. Tão pequena que lá voltei, vinte e cinco anos depois, e apertou-me o coração ao ver a extensão das ruas, o tamanho dos largos, a abertura dos becos e das travessas, a altura das casas. Tudo 10 ou 100 vezes menor do que eu tinha e tenho a certeza de que eram realmente. A torre da matriz, de que guardo até hoje maior impressão de imponência do que o Empire State Building, terá, no máximo, 6 metros de altura. A fazenda que foi do meu avô e possuía um mirante que sempre pareceu uma atalaia, torre para resistir às possíveis investidas dos índios bravios (Itabira não possuía índios desde o início do século XVIII) é menor do que a nossa casa da rua da Matriz e não possuía resistência para manada de boi manso. A casa estava cheia de mato, nascido nos quartos e nas salas. As longas e infindáveis ruas podiam ser percorridas, a pé, em 3 ou 5 minutos. E, a própria avenida, que enquanto pareceu-me, inicialmente, as perspectivas de Petrogrado, descritas por Dostoievski em sua antevisão do mundo dos nossos dias, tem 50/100 metros de comprimento.

A sociabilidade dos itabiranos era notável, mas só se estendia aos de fora, aos estrangeiros de passagem, que não ofereciam o risco de permanecer na cidade. Em relatório escrito em 1881, contendo descrição geográfica e histórica do Município de Itabira, o Padre Francisco A. de Almeida pondera: *A hospitalidade dos Itabiranos é proverbial; mas entre si são pouco sociáveis, devido à paixão política, amor ao dinheiro e prejuízo das raças*. Luiz Camillo gravou essa desconfiança dos itabiranos em relação aos “de fora”,

Foi colonizada em fins do século XVIII e princípios do XIX. Os únicos estrangeiros, depois da saída dos ingleses que compraram minas de ouro e por lá enlouqueceram, eram um italiano, compadre do meu pai; um casal de franceses que introduziu a novidade da geléia, última aquisição da culinária italiana; dois portugueses e outro casal

de fluminenses que quarenta anos depois de lá chegados, era considerado gente de fora.⁴

No alto da rua de Sant' Ana, as crianças passavam os dias brincando nos riachos, pegando lagartixas, pescando girinos, em banhos no rio Tanque e caçadas com primos e companheiros pelos arredores de Itabira. Essa experiência de liberdade seria a possível razão de sua fuga do colégio de padres onde o pai o colocou com o intuito de dar-lhe uma educação mais aprimorada. Ao ter suas cartas abertas e lidas pelo padre censor, Luiz Camillo simplesmente fugiu do colégio. Chegou a Itabira ninguém sabe como e acabou com a esperança de seu pai de fazê-lo voltar a estudar em colégio de padres. Teriam as marcas desse cotidiano solto feito de Luiz Camillo o futuro homem indomável, sem peias?

Drummond relembra o primo Luiz Camillo:

Vejo-o ainda nas manhãs frias da serra, num começo de século hoje tão irreal como os tempos mais remotos e lendários, porque de então para cá não somente nossa vida pessoal ganhou novos planos, mas o próprio mundo elaborou outros conceitos e técnicas, em terrível dissonância com a ingênua compostura dos anos de 10. Vejo-o com seus livros, descendo a comprida Rua de Sant'Ana, em demanda da aula do velho “mestre” Emílio, que nos ensinava Português, Francês, Matemática e sobretudo energia e bom senso. Também o diviso, noutras horas, permutando comigo os semanários ilustrados do Rio, que cada um de nós devorava, porque eram as primeiras manifestações de um vago universo literário, por nós pressentido. Chamava-se Sô Lu, e na sua natureza de garoto irresponsável nossa curta visão não saberia discernir tudo aquilo que seu espírito seria capaz de acumular em matéria de conhecimentos os mais diversos, nem ainda como faria ele para dar-lhes as mais variadas e desinteressadas aplicações, na química, na biblioteconomia, na historiografia, na administração, na economia, nas finanças, na política e no generoso ofício de homem.⁵

Em carta sobre assuntos financeiros, escrita poucos meses antes de morrer, Luiz Camillo, irritado com a politicagem do BCRMG, onde trabalhava a contragosto, relembra, num retorno nada idealizado àquele passado, o procedimento pedagógico costumeiro em Minas.

DISCIPLINA- Está o Crédito Real vivendo em regime mais apertado que o do Caraça: os diretores de pé, dando lição de memória aos

⁴ Carta de de L.C. a Mário Calábria, 16 dez. 1951. ALCON – FCRB

⁵ OLIVEIRA NETTO, Luís Camillo de. *História, cultura, liberdade*. Liv. José Olympio Ed. Coleção Documentos Brasileiros. 1975. P.XVII.

proprietários do Banco [...]. E lá vem tabuada e declinação. Se, por acaso, há erro, esquecimento ou uma letra mal desenhada, a palmatória corta o ar com o som característico.

Em todas as reuniões da diretoria, estão presentes para controlar e verificar a realidade da canção do folclore infantil, muito comum nas cidades próximas ao Caraça e que acredito também conhecida no Sul de Minas: Boca de forno:/Forno./Faz o que o mestre mandar:/Faço./E se não fizer:/Bolo. E, no caso da atual diretoria, como se pode verificar, o rigor torna-se excessivo, pois nunca houve grupo mais tímido e mais comportado, em face da turma do quero, posso e mando...

Esse tipo de pedagogia da força, dos açoites, era comum no Brasil e no resto do mundo. Ao publicar, em 1937, uma coletânea de autores da língua inglesa para uso de estudantes brasileiros, LC escolhe como primeiro autor, Robert Southey, por quem tinha particular admiração. Inicia a nota biográfica sobre Southey chamando a atenção para a reação do jovem inglês sobre os castigos corpóreos que recebia na Westminster School.

Se as crianças tinham no quintal da casa da rua de Sant'Ana uma infância plena de liberdade, dentro daquele casarão havia uma arraigada insistência na leitura e nos estudos. O processo de assimilação/posse da palavra escrita e lida é descrito no poema o *Tico-Tico*, de Drummond, título que lembra a revista que os dois meninos liam e reliam incessantemente, trocando entre si, maravilhados, a experiência da leitura. Aquilo lhes dava uma sensação de vitória. *Somos os leitores do Tico-Tico/Somos importantes, eu e Luís Camilo./Cada um na sua rua/Cada com a sua revista/O que um sabe, o outro sabe./Ninguém sabe mais do que sabemos/É nossa propriedade Zé Macaco./Jagunço vai latindo ao nosso lado/E Kaximborn nos leva ao Polo Norte/Como convidados especiais./ Nossa importância dura até dezembro./Temos assinaturas anuais.*

Era preciso, porém, ir para Belo Horizonte, continuar os estudos e preparar-se para uma outra vida. A viagem, naqueles idos de 1920, era longa, quase uma aventura. Luiz Camillo, seu irmão Moacir e algum amigo saíam de Itabira de madrugada, a cavalo, andando umas 9 léguas até Santa Bárbara. Encontravam boiadas, subiam e desciam montanhas, margeando, sempre que possível, o rio Una, cujas águas rolavam mansas, sem marolas, vistas

através das árvores, num espetáculo lírico e romântico para os cavaleiros cansados. Chegavam lá pelas 8 da noite na cidade famosa por seus sabiás e hospedavam-se no “Hotel Quadrado, antigo Solar da Família Penna”. No dia seguinte deixavam Santa Bárbara, tomando o trem de bitola estreita às 5:50 da manhã e da janela viam passar São Bento, Gongo Soco, Caeté, Sabará até chegar a parada final: Belo Horizonte. Em sua primeira viagem, ouviu Luiz Camillo de alguém da comitiva: “*Agora você vai conhecer a civilização!*” Um exagero, porque o jovem Luiz Camillo aos poucos vai percebendo os limites da cidade província.

Logo instala-se numa república de estudantes. São todos jovens, plenos de idéias, esperanças e, alguns, tuberculosos. Luiz Camillo estuda por conta própria, presta os exames preparatórios e entra para o curso superior. *Preparou-se com a meticulosidade que punha em todas as coisas, apesar de sua aparência de dispersivo, para ser um químico-industrial.*⁶ Em março de 1925 é nomeado preparador da cadeira de química inorgânica do Curso de Química industrial da Escola de Engenharia de Belo Horizonte. Realiza pesquisa sobre carvão vegetal, sob a orientação entusiástica do Professor Otto Rothe que o aconselha a tentar obter uma bolsa de estudos para a Alemanha. Consegue-a, ao se classificar como primeiro da turma. Prepara-se para essa viagem sonhada estudando alemão por conta própria. Por motivos financeiros, mas não só financeiros, não pôde desfrutar do prêmio. Preterido, sua formação e independência de caráter fê-lo recusar prêmio de consolação que lhe ofereceram para sanar o que considerou uma injustiça. Sua reação será idêntica, em 1938, quando a Universidade do Distrito Federal (UDF) é fechada e Luiz Camillo perde o cargo de professor de História e, sobretudo, seu projeto de vida. Ele recusará empregos que Gustavo Capanema, Ministro da Educação, e Henrique Dodsworth, prefeito do Rio de Janeiro, lhe oferecem. Embora negue importância ao fato de ter sido espoliado de seu prêmio de viagem, é evidente o impacto dessa desilusão no seu modo de pensar. Caracteristicamente, procura avaliar o ocorrido à luz de uma explicação mais ampla, política e social. Percebe as deficiências da educação no Brasil e

⁶ Idem. TORRES, João Camilo de Oliveira. Apresentação. P.XXI.

a necessidade de alargamento das possibilidades de estudo para que se consiga realizar algo de útil para o país. Muitos anos mais tarde, LC relata a Mário de Andrade o que ocorreu e conclui:

Foi a primeira verificação prática da ausência de uma determinada orientação na administração brasileira e daí por diante só tenho visto repetirem-se os exemplos. O meu caso pessoal de nada vale, porém, como esperar que saíamos do estado em que vivemos quando havendo a mais tremenda necessidade de reformar a mentalidade do país, verificado o quase total curto-circuito de nossa instrução, as raríssimas oportunidades de uma viagem de aperfeiçoamento no estrangeiro são resolvidas por caprichos pessoais.⁷

Ao contrário de muitos de seus amigos belorizontinos, a cultura alemã, não a francesa, a formação científica mais do que a literária, seriam a fundamentação de sua educação formal superior. Tal inclinação apareceria em suas pesquisas históricas, com ênfase na precisão das informações e horror às conclusões apressadas. Seria talvez uma das razões, certamente não a única, por que hesitou sempre em publicar seus estudos e análises sobre a história colonial mineira.

Um ano antes da revolução de 30 eclodir, Luiz Camillo vai morar em Limeira, cidade do interior paulista, logo após seu casamento com Elza. Tem 25 anos e considera-se um exilado. Suas cartas a Carlos Drummond falam da frustração que a separação de Minas e dos amigos lhe causava. Em uma delas, a princípio ironicamente bucólica, em que se diz “pastando”, pede-lhe notícias de Itabira, quer saber o que se passa lá, naquela cidade da sua infância e adolescência, quase mítica, onde política é coisa “engraçada”. Escreve para Drummond para não ser totalmente esquecido, continua louco para voltar a Belo Horizonte. Os sentimentos são contraditórios em relação ao seu passado. Itabira **é** e **não é** a cidade ideal. Se a política ainda não o decepcionou, sente-se, em Limeira, caminhando para trás. Contrapõe à utopia de um futuro positivo e um passado distópico, um presente que o deprime. Fala de sua vontade de poder acompanhar, de perto, “um movimento”:

⁷ Carta de LC a Mário de Andrade. Rio de Janeiro, s.m. [1937] Inédita

[...] O que, porém, me faz mais falta, é encontrar alguém para trocar idéias, em resumo, **conversar política**, coisa muito própria do nosso gênio. Os homens com quem trabalho, são muito trabalhadores e não têm tempo para perder. Tenho também grande pesar de não estar aí para acompanhar de perto este movimento e este pesar aumentado bastante por todas as outras vontades que tenho de voltar para BH, fazem quase intolerável a vida aqui. Estou resolvido, logo que termine o contrato que aqui me prende (apesar de ser unicamente verbal) a voltar para BH, como daí saí, isto é: com uma mão adiante e outra atrás (as outras duas não sei onde). Isto é completamente contrário a meus planos, que consistiam em trabalhar intensamente durante 4-5 anos e economizar 2-3 contos, voltar para BH, comprar uma ótima casa e ficar aí cultivando orquídeas ou colecionando caixas de fósforos, ambas profissões muito dignas de quem enriqueceu à custa dos outros⁸

Luiz Camillo deixa Limeira no começo de 1930. Volta aos amigos da rua da Bahia, aos encontros no Bar do Ponto, ao Café Estrela, às discussões ferozes na pequena saleta ao fundo da livraria Alves. Se a rua da Bahia era “o caminho que conduzia ao poder”, quer dizer, ao palácio da Liberdade, era também “o cérebro de Belo Horizonte.”⁹ O grupo, que na sua maturidade veio a produzir inovações nos mais diferentes campos da vida cultural, política e artística brasileira, ali se reunia para discutir idéias, destruir mitos, pensar o Brasil e uma revolução que iria refazer a nação, plasmando-a em novos moldes. Construía, sem saber, outros mitos. Vindos de meios diversos e cidades diferentes, deixam para trás “os becos tortos de sua terra natal para se perder na geometria dura das ruas de Belo Horizonte”.¹⁰ Exerciam alegremente uma sociabilidade que não era mais do que a tendência natural para a vida em comum de jovens em busca de um destino. Aqueles rapazes eram, no tempo, o que havia de mais significativo pelo gosto da liberdade e a arte mineira de exercer a ironia e a reflexão sobre todos os assuntos.

Na volta a Belo Horizonte, o “movimento”, sobre o qual escrevera a Carlos Drummond, se concretiza em luta armada contra o governo - a “Revolução de 30”. Entrega-se de corpo e alma ao movimento revolucionário, com a mesma intensidade com que agirá em

⁸ Carta de LC a CDA São Paulo. Limeira, 24. 8. 29. Arquivo Museu de Literatura - FCRB.

⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Recordações da Província. O político*. Correio da Manhã. 26.10.47

¹⁰ SOUZA, Eneida Maria de - *Carlos Drummond de Andrade 1902-2002*. 1º Centenário – UFMG.

1943, no *underground*, quando será um dos líderes da ação redemocratizadora no país. É, ao mesmo tempo, o homem das idéias e o homem atuante. Sabendo que os revolucionários planejavam colocar veneno na água que abastecia o quartel em que se alojava o 12º Regimento de Infantaria (perto do Clube Atlético Mineiro), advertiu-os da necessidade de colorir o veneno com azul de metileno, de acordo com a lei de guerra; sugere que se corte o fornecimento de água do Rio; alerta os revolucionários para tomar a Ilha dos Pombos (perto de Além Paraíba, na fronteira com o Rio); providencia salvo-condutos; se os fuzileiros navais invadissem Minas ele desviaria os trilhos; faz planos de incendiar os postes de luz. Pedro Nava conta das maquinações com o jovem amigo, químico “indomável” e “insensato”:

Lembro nas minhas noites o homem indomável e a ocasião em que planejamos o atentado de centenas de incêndios a brotarem da combustão de pedaços de fósforo que distribuiríamos em pontos estratégicos mergulhados em latinhas cheias d’água. À evaporação desta, o ar faria começar a detonar o metalóide de número 15 e massa atômica 30, 97. Ah! Luiz Camillo, meu santo e admirável insensato. O fósforo era você, o etimológico fósforo que você simbolizava. φωσ – a luz, φωρως – o que leva, o que conduz. Luiz Lúcifer Camillo de Oliveira mineiro de Itabira – mesmo sangue de Carlos Drummond de Andrade, Afonso Pena Júnior, Cornélio Pena. Vai Luiz, pelos espaços, incendiando os astros...¹¹

Vitoriosa a revolução, instalado o novo governo, Luiz Camillo passa por um período de transição, com futuro incerto. Com a nomeação de Gustavo Capanema para a Secretaria do Interior e da Justiça de Minas Gerais, o então amigo o nomeia perito químico do Serviço de Investigações, encarregado de organizar os Arquivos e a Biblioteca da Secretaria. Luiz Camillo começa a se interessar de modo sistemático por arquivos, em geral, e pelo Arquivo Público Mineiro, que passa a freqüentar, e a ser respeitado como cientista promissor que se transformara em pesquisador da história mineira. Uma *avis rara*. Um ser original, para os padrões da cidade.

Em 1933, quando das comemorações da fundação da Vila de Itabira, Luiz Camillo publica seu primeiro artigo no jornal *Minas Gerais*: Alguns documentos sobre a Vila de

¹¹NAVA, Pedro. *Galo das Trevas. Memórias/5*. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1981. p. 31.

Itabira, em que realça os aspectos políticos, sociais e econômicos que ocasionaram a passagem do arraial a vila. O método, empregado por Luiz Camillo, original para a época, baseava-se na conjectura de que, além da fonte oficial, ele deveria utilizar documentos que revelassem outros testemunhos e outras versões, reivindicando uma voz para aqueles que não haviam sido escutados. Além, portanto, de estudar seu próprio tema, a elevação de Itabira à categoria de vila, da qual um parente fora o primeiro presidente, indica novas fontes, quem as escreveu e por que razões. *Toutes les origines sont des mystères*, escreveu Amiel. Talvez. No caso em questão, não. Não houve Rômulo nem Remo, nem fundação mítica para a Vila de Itabira. A narrativa é minuciosa, descrevendo os primeiros povoadores de Minas. Em 1933, no momento em que se comemora, em Belo Horizonte, a data cívica da elevação de Itabira do Mato Dentro a vila, sua maioridade, por assim dizer, a pesquisa de Luiz Camillo em velhos documentos encontrados no Arquivo Público Mineiro mostra que tal passagem foi precedida de luta, conflitos e perseguições. Os cabeçalhos dos jornais, à época, enfatizam, como era de se esperar, o lado grandioso da data, *que relembra o civismo e a nobreza de espírito de uma geração*.¹² Luiz Camillo, mais modesto, procurando colocar-se na perspectiva crítica do pesquisador, fala em documentos sobre a Vila de Itabira e traça, basicamente, a sua genealogia. Se poema heróico houve, ele constata, foi o da destruição econômica de Caeté, motivada por razões de ordem política, uma retaliação do governo central a Caeté, que apoiara, pelo menos no início, a sedição restauradora eclodida em Ouro Preto pouco tempo antes.

Já se pode, entretanto, detectar sinais de crescente inquietação e uma modificação no modo de pensar de Luiz Camillo, que cartas a Carlos Drummond e Mário de Andrade confirmam. Esse paradoxo itabirano busca a conciliação aparentemente impossível entre o sedentarismo do arquivista e uma inquietação mental que transbordava do seu temperamento.

¹² *Estado de Minas*. Sábado, 7 de outubro de 1933.

Em outubro de 1932, Luiz Camillo viaja a São Paulo curioso por saber o que ali se passava e à procura de possibilidades de emprego. O mineiro de Itabira tem 28 anos e uma carta de Drummond para ser entregue a Mário de Andrade.

Flâneur abismado, passeia pelas ruas de uma São Paulo que não aceitara a revolução de 30 e que se encontra em estado de guerra. Reflete sobre os resultados daquela revolução à qual ele se entregara apaixonadamente e os estragos que ela causara em São Paulo, provocando a revolução constitucionalista de 32. Em carta de 7 de fev.1933, escreve a Mário de Andrade, dizendo que “saíra de São Paulo com uma impressão absolutamente nítida de que tudo quanto aí fazia o governo estava errado”. Diz ainda ter verificado, ao chegar a Belo Horizonte, “a impossibilidade de qualquer ação, pois como em todo o Brasil, as diretrizes são as mesmas da pedra que rola.”

E logo em seguida, nessas reviravoltas da narrativa que as cartas - e a vida - permitem, confessa, esquecendo momentaneamente suas preocupações políticas:

Somam a tudo isto, a incapacidade que sinto em viver em Belo Horizonte, onde a obediência aos credos oficiais é mais rigorosa que nos tempos da Santa Inquisição, onde a estandarização da falta de idéias é coisa absoluta.[...] como tenho que apresentar-me aqui até quando Deus quiser, vou cada vez mais me incompatibilizando com o ambiente e caindo em um isolamento atroz, que se torna penoso por essas razões de ordem interior. Já de muito eu sinto que estou sobrando na minha terra, porém precisamente por ser minha e de muitos dos meus, tenho insistido em aqui permanecer, porém creio que agora tenho as minhas contas feitas e vou emigrar.

Passada a revolução de 30, Luiz Camillo quer emigrar de Belo Horizonte para o Rio onde seus amigos estão. Os últimos anos haviam sido marcados por grandes perdas. Desculpa-se pela demora em responder a Mário:

Logo que tive porém a mão firme quis escrever-lhe esta que vai assim com cheiro de lisol e com um aspecto de ladrilho branco de hospital, porém que V. perdoará na sua grande sensibilidade não só pelo aspecto material, porém, principalmente pela intimidade que afoitamente vou me permitindo.¹³

¹³ Carta de LC a Mário de Andrade. Inédita.BH, 7 fev.1933. *IEB-USP*

Assim, as perdas afetivas, somadas à falta de possibilidades concretas de se sustentar, e à família, na capital mineira, cujos horizontes lhe pareciam crescentemente limitados, fazem-no desejar partir em direção a um espaço mais amplo, onde seu espírito inquisitivo encontrasse condições de trabalhar, continuar estudando e pesquisando. Embora afirme, muitos anos mais tarde, que tem o maior encanto por Belo Horizonte, ali ele parece ter se sentido tolhido e amargurado. Nos anos 50, com ironia, assim descreverá, ao Diretor do BCRMG, Sandoval de Azevedo, com quem vivia às turras, a origem das famílias fundadoras da capital mineira:

[...] Pela cidade tenho o maior encanto. Belo Horizonte representa o pecado coletivo das velhas famílias mineiras, famílias que formaram núcleos de povoamento, com léguas afastados da costa há 250 anos atrás. Sem porosidade, sem comunicação com o mar, sem o afluxo de contingentes humanos apreciáveis e que vem, pelos casamentos consangüíneos, cristalizando e apurando as taras originais. Famílias que pelos casamentos de primos-irmãos, dos tios com sobrinhas, estão cheias de surdos-mudos, cegos e paralíticos. Belo Horizonte é uma das cidades mais bem iluminadas do mundo, à custa de impostos estaduais arrecadados das vilas sem água e sem esgoto, Belo Horizonte tem as escolas secundárias e superiores mais baratas do Brasil, à custa de cidades mineiras que não possuem grupos escolares, e escolas profissionais.

Mas, no fundo de seu ser há uma certa divisão interna, uma luta de forças antagônicas que mostram certo grau de indecisão diante da grande mudança, que será definitiva. Percebe-se essa atitude, por exemplo, em carta ao amigo Olavo Redig de Campos. Insiste na idéia de plantar um jardim tropical, criando raízes em Belo Horizonte, mas confessa, ao mesmo tempo, querer ir para o Rio, encomendando ao amigo cartões de visita!

Desanimei da sua prometida planta para o meu extenso jardim. Vou fazê-lo inteiramente tropical plantando cacto gigante e piteiras (*furcraea gigantea*)[...] Peço-lhe mandar fazer mesmo uns 200 cartões... Penso em ir ao Rio este ano santo de 1934. Estou fazendo projetos numerosos e realizáveis de trabalho.¹⁴

¹⁴ Carta de LC a Olavo Redig de Campos. BH 20.1.1934 *LCON – FCRB*

CONSIDERAÇÕES SUBJACENTES

O arquivo de Luiz Camillo de Oliveira Netto, doado em 1986 à FCRB por sua viúva, Sra. Elza Malheiro de Oliveira, constitui-se em fonte primária, inédita; possui interesse para os pesquisadores que desejem compreender os limites e a importância da sua atuação no mundo da cultura e entender, através dos seus olhos, o espírito do tempo em que viveu. Esses escritos nasceram e cresceram em um momento cultural e histórico preciso; dele poder-se-ão retirar temas e preocupações do mundo intelectual brasileiro e a caracterização de uma época, com mapeamento de mentalidades, o entrelaçamento de relações de amizade, parentesco e trabalho, com vistas a uma biografia intelectual de L.C., construída a partir dos fragmentos memorialístico-autobiográficos rastreados. Há que se fazer ligações entre as cartas, preencher lacunas, exercício feito ao mesmo tempo de rigor teórico e de imaginação, conferindo à interpretação obtida a força de uma criação.

Tenho diante de mim uma pletora de documentos. O arquivo de LC forma um conjunto descontínuo e os documentos arquivados são de várias naturezas: cartas, telegramas, notas de trabalhos, pesquisas iniciadas, bilhetes, rascunhos, anexos, depoimentos, memórias, artigos de periódicos. Retiro desse arquivo muitas cartas, é verdade, mas, ao fazer isso, excluo outras. Revejo fotos. Ouço de novo as entrevistas, leio as transcrições. Faço minhas escolhas. Trabalho não só com a memória dos outros, decerto já retalhada pelo tempo e pelas vivências, mas também com a minha própria memória. O máximo de lembranças, porém, pode se confundir com um máximo de esquecimento. A amnésia: um paradoxo e também um perigo.

Quem foi Luiz Camillo? Com o material selecionado procuro dar forma a algo informe, ordem a descontinuidades, sentido coerente a milhares de dados, a tudo aquilo que constitui uma vida, algo confuso, feito de inclusões e exclusões. Há muitas separações e cortes bruscos nessa vida, mas percebo também, surpresa, certas recorrências significativas. Rupturas e continuidades, portanto. Tenho não apenas que descrever, mas conectar, ligar. Não

apenas narrar fatos, mas procurar perceber os variados sentidos que eles podem trazer. Mas, é preciso reconhecer: não sei tudo sobre o meu objeto de estudo. Permito-me a imaginação da forma, não a dos fatos. Ao contrário do personagem de ficção, o biografado possui facetas desconhecidas, que nunca serão totalmente desveladas. Luiz Camillo é Itabira. De lá tudo parece emanar, todas as recordações essenciais, numa mescla feita ao mesmo tempo de lembranças felizes e sentimentos dolorosos. A infância desidealizada.

Qual é o tempo em que deve transcorrer a minha narrativa? Há o tempo que Luiz Camillo, e outros, recordam: as histórias que eles contam do passado; há o momento em que recordam esse passado; e há o tempo de quem escreve sobre isso, aqui e agora. Percebo, portanto, várias temporalidades, vários níveis e descontinuidades, incluídas dentro do próprio ato de escrever, de tentar narrar. Logo uma brecha se forma entre o Luiz Camillo que escreve uma carta, por exemplo, contando algo: sua infância, suas vicissitudes, seus projetos culturais, e o Luiz Camillo que desejo situar, descrever e sobre o qual procuro contar algo. O processo de representação parece falhar porque é limitado pela impossibilidade de atingir um reflexo especular; há uma distância entre o chamado dado natural e a representação mimética. Mas essas temporalidades me são relativamente próximas. É um passado ainda visitável, imaginável, quase palpável. É um certo Luiz Camillo que eu conheci, mas também um outro Luiz Camillo que vou conhecendo aos poucos nas entrevistas, nas cartas, no lugares que visito, nos rostos de pessoas que o conheceram sob outros aspectos e de outros ângulos. Que respostas me fornece esse passado? Ou, o contrário: que respostas oferecer aos sinais e marcas desse mundo e que, apesar disso, ainda permanecem? Talvez seja eu mesma que deva inserir um sentido, penetrar com a minha imaginação nessas casas mineiras, espaços essenciais para compreender Luiz Camillo.